

FÓRUM EUROPA 2019

O FUTURO DA UNIÃO EUROPEIA

Ciclo de debates sobre desafios à evolução da UE organizado pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) em colaboração com a Reitoria da Universidade de Lisboa (ULisboa), no âmbito do Programa de Formação Universitária para Seniores

ONDE

Auditório Sedas Nunes
Instituto de Ciências Sociais
Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa

PROGRAMA

Coordenação: Luís de Sousa (ICS-ULisboa)

1.ª SESSÃO

A Europa dos valores e o desafio do populismo

Data: 6 Março de 2019, das 17:30 às 19:00

Oradores convidados:

- ✓ Rui Tavares, CEI-IUL
- ✓ Susana Salgado, ICS-ULisboa

2.ª SESSÃO

É sustentável o modelo social Europeu?

Data: 13 Março de 2019, das 17:30 às 19:00

Oradores convidados:

- ✓ Carlos Farinha, IPP e ISEG-ULisboa
- ✓ Amílcar Moreira, ICS-ULisboa

3.ª SESSÃO

Salvar a União Económica ou enterrar o Euro?

Data: 20 Março de 2019, das 17:30 às 19:00

Oradores convidados:

- ✓ Pedro Machado, Banco de Portugal
- ✓ Susana Peralta, Nova School of Business and Economics

4.ª SESSÃO

Governabilidade pós-Brexit numa Europa a 27

Data: 28 Março de 2019, das 17:30 às 19:00

Oradores convidados:

- ✓ António Goucha Soares, ISEG-ULisboa
- ✓ Andrés Malamud, ICS-ULisboa

5.ª SESSÃO

Mesa redonda eurodeputados e conferência de encerramento

Data: 3 Abril de 2019, das 17:30 às 19:00

Oradores convidados:

A confirmar

Moderador: Marina Costa Lobo, ICS-UL

Governar a globalização: o papel da Europa

Data: 3 Abril de 2019, às 19:00

Orador: Miguel Poiares Maduro, IUE

SUMÁRIO

A integração europeia é um processo que sempre se caracterizou por avanços e recuos, mas nos últimos tempos o que tem faltado é sobretudo um consenso e um bom senso que sempre imperou entre as lideranças nacionais sobre o fim último deste projeto político. A crise da União Europeia com que nos deparamos hoje, é uma crise de anatomia multifacetada (e autoinfligida). Como refere James Caporaso, a crise da Europa desdobra-se em três crises simultâneas e interligadas: a crise da zona do euro, o Brexit e a crise dos refugiados.

A crise da zona do euro foi, em parte, o resultado da conjugação de três fatores: uma arquitetura institucional desajustada para gerir a união económica e monetária; a ausência de uma política fiscal comum; e a existência de um mecanismo de resgate que só atua em última instância. A zona euro assenta numa união bancária parcial, gerida através de um sistema de governança inacabado, sem que haja um acordo entre os Estados Membros, sobre como concluir essa reforma institucional. O futuro do Euro e a reforma da união monetária é um dos desafios à integração europeia.

À incerteza que paira em relação ao futuro da união económica e ao papel do Euro nesse processo, somam-se os desafios à coesão e modelo social Europeu que se arrastam há mais de duas décadas e foram objeto central de duas estratégias de crescimento (Lisboa I e II). Como alcançar crescimento económico e emprego de forma sustentável, mantendo simultaneamente elevados níveis de coesão e proteção social? Nos últimos tempos, tem-se falado bastante de “economia do conhecimento”, “flexisegurança” e “ativação” no mercado de trabalho, através da implementação de programas que visam uma melhor conciliação de trabalho e vida familiar; investimento na educação, na formação de capital humano e no desenvolvimento de competências ao longo da vida; medidas proactivas de combate ao desemprego, particularmente, desemprego de longa duração e de jovens qualificados; criação de uma economia assente no conhecimento. Até que ponto estas reformas têm sido bem sucedidas e em que medida são as mais apropriadas para assegurar uma construção sustentável de um modelo social europeu?

Para além dos desafios de natureza económica que a globalização veio colocar, a União Europeia está também a travessar uma das maiores emergências humanitárias desde a sua fundação. À diferença de outras crises humanitárias em que a União Europeia interveio na qualidade de doador, esta tem incidência no seu próprio território e resulta de uma série de conflitos que estão a ter lugar à sua porta. A crise dos refugiados levanta várias questões relativamente à capacidade de resposta da União Europeia e dos Estados Membros face a riscos globais.

A conjunção de estas duas crises, económica e social, despertou uma crise de valores com significância política. A instabilidade na zona euro agravou a intolerância social face aos fluxos de imigrantes e refugiados, sobretudo nos países que atravessam maiores dificuldades, o que por sua vez criou um contexto propício ao ressurgimento de movimentos de extrema direita. O discurso oficial securitário e de sustentabilidade do modelo social europeu, que justifica as medidas de contenção e controlo destes fluxos migratórios, é facilmente associado, na retórica populista, a sentimentos anti-imigração. O crescente euroceticismo e o sucesso dos populistas nas eleições e formações de governo nacionais, é um sintoma da perceção generalizada de perda de autonomia, da parte dos governos nacionais e da União Europeia, para lidar com os desafios da globalização, quer ao nível socioeconómico, quer ao nível cultural/identitário. Por este motivo, a migração continua a ser um dos principais desafios à estabilidade, coesão e futuro da UE.

As instituições europeias não estão na sua melhor forma e o seu valor adicional tem diminuído, pelo menos em termos de perceções. A crescente insatisfação dos cidadãos em relação ao desempenho dos governos e da democracia a nível nacional, não tem sido compensada por um maior apego à Europa. Bem pelo contrário. A impopularidade da UE, sente-se cada vez mais, não só entre vários governos nacionais, como também entre os seus eleitores. Na última década não têm faltado apelos à refundação do projeto europeu por um conjunto mais restrito de países e em soluções de geometria variável. Uma união multinível e a várias velocidades já existe, mas não parece ter acrescido à sua eficácia.

O ambiente geopolítico tem-se deteriorado, o que levanta também sérios desafios à capacidade da UE contribuir para a governança da globalização económica e política. As relações transatlânticas já viram melhores dias. O Presidente dos Estados Unidos, tem-se mostrado hostil, quer aos acordos multilaterais de comércio livre, quer em relação ao compromisso norte-americano de defesa e segurança da Europa no quadro da NATO.

Este ciclo de debates visa contribuir para uma reflexão fundamentada e equilibrada sobre os vários desafios que se colocam à existência, desempenho e evolução do projeto europeu.